

O SEPTENARIO POETICO É MESMO DE LAURINDO RABELLO?

Fábio Frohwein de Salles Moniz (UFRJ)

fabiofrohwein@gmail.com

A partir de 1867, o "Septenario Poetico", elegia à morte da Rainha Isabel, mãe da Imperatriz Teresa Cristina, passou a integrar a tradição de poemas atribuídos a Laurindo José da Silva Rabello (1826-1864). Eduardo de Sá Pereira de Castro incluiu o poema em sua compilação, a primeira editada após a morte do poeta, sem qualquer esclarecimento filológico.

Somente em 1880, detalhes da história textual do "Septenario" vieram pela primeira vez à tona. Lery Santos, no Pantheon Fluminense, informou que na época se publicou a elegia "como obra do célebre e famigerado poetaço Inácio José Ferreira Maranhense." Cerca de 100 anos depois, o problema reaparece em Antonio Candido, ao afirmar que o poema foi "feito de encomenda e publicado com nome de terceiro (...)."

Cristalizou-se, portanto, na tradição um dogma segundo o qual se julga Inácio Maranhense ter açambarcado a autoria do "Septenario Poetico", publicando-o indevidamente sob seu nome em 1849. Mas o exame acurado da técnica de versificação empregada no poema revela informações importantes, que podem inocentar o vilão da história.

O objetivo desta comunicação é apresentar um dos problemas referentes à elaboração da edição crítica dos poemas atribuídos a Laurindo Rabello. Os resultados aqui expostos desdobram-se da pesquisa de Doutorado intitulada "Obras completas de Laurindo Rabello: edição crítica" e vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Área de Concentração Literatura Brasileira, sob a orientação do Prof. Dr. Wellington de Almeida Santos. Para as considerações textológicas deste trabalho, restringir-se-á o *corpus* ao poema *Septenario Poetico*, cujos originais manuscritos atualmente não têm paradeiro conhecido e a *editio princeps* foi publicada em 1849, pela Typographia de Silva Lima, sob a autoria do poeta Inácio José Ferreira Maranhense.

Em 1867, o *Septenario* foi incluído por Eduardo de Sá Pereira de Castro em *Poesias do Dr. Laurindo José da Silva Rabello*, sem qualquer justificativa filológica. Somente em 1880, detalhes da história editorial do poema vieram pela primeira vez à tona na fortuna crítica de Laurindo Rabello. Lery Santos, no *Pantheon Fluminense*, esclareceu que na época se publicou a elegia "*como obra do célebre e famigerado poetaço Inácio José Ferreira Maranhense.*" (Rabello, 1946, p. 112). Após cerca de 100 anos, o problema reapareceu em Antonio Candido, com a afirmação de que o poema foi "*feito de encomenda e publicado com nome de terceiro (...)*" (Candido, 1997, p. 145)

Cristalizou-se, portanto, na tradição crítica um dogma segundo o qual se julga Inácio Maranhense ter açambarcado a autoria do *Septenario*, publicando-o indevidamente sob seu nome. Mas o exame acurado da técnica de versificação do poema traz revelações importantes, que podem inocentar o vilão da história. O undecassílabo, metro do canto V da elegia, mostra-se mais pertinente à técnica de versificação de Maranhense do que à de Laurindo Rabello. Acresce ainda o fato de haver no *Septenario* determinado padrão rímico de quintilha extremamente raro que, se por um lado não torna a ocorrer no conjunto da obra de Laurindo Rabello, por outro reincide na produção poética de Maranhense.

Laurindo José da Silva Rabello nasceu em 3 de julho de 1826 e morreu em 28 de setembro de 1864, no Rio de Janeiro. Estudou no Seminário São José por volta de 1846; depois na Escola Militar em torno de 1847-48. Ingressou à Escola de Medicina da Corte em 1849. Documenta-se dessa época uma grave crise financeira que impediu a continuação dos estudos. Laurindo envia ao Ministério do Império um pedido de aprovação no concurso para lente substituto da Freguesia de Irajá, já que se viu "*por falta de meios obrigado a interromper a carreira dos seus estudos (...)*"¹ Transferiu-se em 1851 para a Faculdade de Medicina de Salvador, onde

¹ *Requerimento encaminhado ao Ministério do Império solicitando admissão ao concurso de lente substituto de Primeiras Letras, 1849*

se formou em 1856. Atuou como 2º Cirurgião do Corpo de Saúde do Exército a partir de 1857. Casou-se com Adelaide Luzia Cordeiro da Silva Rabello em 1860, mas não deixou filhos.

Ainda não se editou cientificamente a obra de Laurindo Rabello. Os poemas e o *Compendio de grammatica da lingua portugueza*, gramática publicada postumamente em 1869, foram editados e reeditados sem rigor filológico, o que prejudica uma apreciação segura. Na tradição crítica, há quem questione a autoria de textos, como Teixeira de Melo acerca das modinhas “O cego de amor” e “Descrença”, compiladas por Dias da Silva Júnior. O livro das *Poesias livres* (1882) apresenta poemas de autenticidade duvidosa, apesar de alguns remeterem geneticamente a publicações anteriores de Laurindo Rabello. Como se vê, a autenticidade duvidosa não é um problema isolado no conjunto dos poemas atribuídos a Laurindo.

Sobre Inácio José Ferreira Maranhense, a tradição crítica oferece poucos dados. As datas de nascimento e morte são desconhecidas, aludindo-se ao Maranhão como terra natal. A *Enciclopédia da Literatura Brasileira* assevera que o “poeta vendia sua produção poética, que algumas pessoas supuseram ser de outra pena” (Coutinho & Sousa, 1990, p. 857). Os únicos poemas atribuídos a Maranhense até agora localizados pela *inventio* em bibliotecas públicas se acham na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro:

1. Á sentidíssima morte do príncipe imperial o senhor D. Affonso – poema em folheto (1847);
2. Septenario Poetico – poema em brochura (1849);
3. Ao gênio do Brasil e do mundo – poema em folheto (1853);
4. Votos da minh'alma ao Exm. Snr. Commendador Dr. José Maria da Silva Paranhos – poema em folheto (1853);
5. Uma lagrima no sepulchro! Á tragica e deploravel morte do conspicuo e benemerito Exm. Sr. Visconde do Rio Bonito –

poema originalmente publicado em folheto e compilado em livro com obras de vários autores [cerca de 1856]².

A opinião de que Inácio Maranhense vendia obras alheias como suas, somada ao fato de Laurindo Rabello atravessar uma crise em 1849, induziria a conclusão de que houve roubo autoral no caso do *Septenario*. Nessa linha de raciocínio, até procederia à primeira vista supor que por necessidade financeira Laurindo vendesse a Maranhense o poema publicado coincidentemente em 1849. Alguns biógrafos do poeta afirmam que sua participação em periódicos se explica pelo mesmo motivo. Datam também desse ano publicações esparsas no *Sino dos Barbadinhos*. No entanto, Eduardo de Sá, Lery Santos e Antonio Candido não fornecem argumentos filológicos que comprovem a elegia ser com efeito de autoria de Laurindo.

O assunto do *Septenario* é a morte de Maria Isabel de Bourbon, Infanta da Espanha, filha de Carlos IV, Rei da Espanha, e de Maria Luisa de Bourbon, Princesa de Parma. Nascida em 06 de julho de 1789 em Madri, casou-se em 06 de outubro de 1802 com Francisco I, Rei das Duas Sicílias, filho de Fernando I de Bourbon, Rei das Duas Sicílias, e de Maria Carolina Erzherzöge von Österreich. Maria Isabel de Bourbon morreu em 13 de setembro de 1848, aos 59 anos, em Portici, província de Nápoles. Teve 13 filhos, dentre os quais Teresa Maria Cristina de Bourbon (14/03/1822-28/12/1889), Princesa das Duas Sicílias, que se casou com D. Pedro II. Ocorreu o famoso matrimônio por meio de um acordo em Viena, em 1842, mas somente celebrado a 30 de maio de 1843, em Nápoles, sem a presença do Imperador, representado pelo irmão de Teresa Cristina, Leopoldo, Conde da Siracusa.

O poema começa com uma “Invocação” em 2 estrofes de decassílabos heróicos entrecortados por hexassílabos. Seguem-se 7 cantos, daí o título *Septenario*, que ainda remete

² Embora o livro não traga a data de publicação, infere-se que o poema date aproximadamente de 1856, já que o poema é uma elegia ao Visconde de Rio Bonito, morto nesse ano.

a setembro (mês de falecimento de Maria Isabel de Bourbon), trazendo uma variedade de metros e tipos estróficos. No canto I, há uma única estrofe de 102 decassílabos brancos, mormente heróicos mas em momentos cortados por sáficos, que quebram a monotonia do ritmo. O canto II é composto por 13 quartetos de eneassílabos com rima entre os pares. No canto III, encontram-se 5 décimas-segundas com rima entre os versos 2-4, 6-7, 8-12 e 10-11. A estrutura do canto IV é em *terza rima*, isto é, 18 tercetos de decassílabos heróicos e uma quadra final também de decassílabos heróicos. As rimas seguem o padrão clássico. O canto V foi organizado em 13 quadras de undecassílabos com rima entre os pares. No canto VI, há 9 quintilhas de heptassílabos, cuja rima se dá entre os versos 3 e 5. O canto VII tem 19 quadras de decassílabos alternados com hexassílabos com rima entre os pares. Finalizando o opúsculo, listam-se 39 nomes de pessoas que contribuíram para “*a publicação deste Septenario Poetico*” (Maranhense, 1849, p. 27).

Na segunda edição, organizada por Eduardo de Sá, elidiram-se a “Invocação” e a lista de nomes. A *collatio* entre as duas primeiras edições atesta ainda 5 pontos críticos substantivos no texto do poema:

pc	verso	<i>editio princeps</i> (1849)	edição de Eduardo de Sá (1867)
1	219	Me quiz trazer no intimo do peito	Me quiz fazer no intimo do peito
2	285	Oh tu, minha lyra! dize-me: não é	Oh tu, minha lyra! me dize: não é
3	419	Exprime de seus filhos o do povo	Exprime de seus filhos e do povo
4	430	Daquelle ser benino	Daquelle ser benigno
5	436	E seu merecimento.	O seu merecimento.

O ponto crítico 1 pode se tratar de um descuido do editor/ti-pógrafo ou de um erro de leitura. A substituição do verbo “trazer” por “fazer” não se justifica métrica, gramática ou semanticamente:

(...)

Vinde aplacar as dôres das feridas,

Que da morte alegrando a impiedade,

Me quiz trazer no intimo do peito

O farpão penetrante da saudade.

(Maranhense,

1849: 15-16)

Os restantes são correções. Em 3 e 5, corrigiram-se gralhas tipográficas; em 2, a colocação pronominal, para consertar o verso de acordo com os acentos internos do undecassílabo adotado no canto V – 11 (2, 5, 8, 11):

Edição princeps

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Oh	tu	mi-	nha	ly-	ra	di-	ze-	me	não	é

Edição de Eduardo de Sá

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Oh	tu	mi-	nha	ly-	ra	me	di-	ze	não	é

Em 4, porém, há uma correção indevida. O editor não levou em consideração que a ortografia da palavra “benino” na verdade corresponde ao registro de uma variante menos lusitana e que inclusive se enquadra melhor no esquema rímico:

Só restos insensíveis nos ficaram
 Daquelle ser benino;
 Só este bem nos deixou na terra
 O anjo do destino.

Em contrapartida, há problemas métricos que persistem na segunda edição. O verso 167, devendo ser heptassílabo, tem uma sílaba a mais: “*Como juntos d’arvore sancta,*” (Maranhense, 1849, p. 13)

1	2	3	4	5	6	7	8	
Co-	mo	jun-	tos	d’ar-	vo-	re	sanc-	ta

O 306, em contexto de undecassílabos, tem uma sílaba a menos: “*Aos astros dizei meu mal tão cruel;*” (*Idem, ibidem, p. 20*)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Aos	as-	tros	di-	zei	meu	mal	tão	cru-	el	

O 431, que conforme o padrão estrófico do canto VII seria decassílabo, não se enquadra nem no sáfico 10 (4, 8,

10): “*Só este bem nos deixou na terra*” (Maranhense, 1849, p. 26).

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Só	es-	te	bem	nos	dei-	xou	na	ter-	ra

nem no heróico 10 (6, 10):

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Só	es-	te	bem	nos	dei-	xou	na	ter-	ra

É de se crer, portanto, que a segunda edição seja baseada na *editio princeps* e não necessariamente num original distinto. As lições divergentes consistem em intervenções do editor, algumas delas até desnecessárias. Em outras palavras, as variantes são de transmissão e não de autor. Por algum motivo, Eduardo de Sá recusou a “Invocação”, o que instauraria uma nova questão a ser resolvida pelo editor científico: há um autor para a “Invocação” e outro para os cantos do *Septenario*?

A pesquisa ainda não levantou dados o bastante na “Invocação” para se afirmar com segurança de quem é a autoria. Do ponto de vista somente da técnica de versificação, nada se conclui, já que Inácio Maranhense e Laurindo Rabello fizeram uso tanto do decassílabo heróico/sáfico quanto do hexassílabo. Encontram-se exemplos de estrofação assimétrica também em ambos os autores. Com relação ao *usus scribendi*, não se detectou por enquanto nenhuma peculiaridade lingüística esclarecedora que permita o discernimento eficaz, senão um desenvolvimento de timbre vocálico em consoante de posição implorativa, que deve constituir sílaba métrica, para que a distribuição dos acentos internos satisfaça o esquema do decassílabo heróico no verso 003: “*Admiro, Senhor, Tua Clemencia,*” (*Idem, ibidem*, p. 05)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
A-	d[i]-	mi-	ro	Se-	nhor	tu-	a	Cle-	men-	cia

Do contrário, o verso não se enquadraria no padrão do heróico:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Ad-	mi-	ro	Se-	nhor	Tu-	a	Cle	men-	cia
-----	-----	----	-----	-------------	-----	---	-----	-------------	-----

nem tampouco do sáfico:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Ad-	mi-	ro	Se-	nhor	Tu-	a	Cle-	men-	cia

À primeira vista, tratar-se-ia de verso defectivo. Por outro lado, há um caso análogo no verso 22 de *Queixas do poeta*, poema de Fagundes Varela: “*Os reptis na sombra às árvores se enlaçam;*” (Varela, 1957, p. 64)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Os	re-	p[i]	tis	na	som	^{br} as	ár-	vo-	res	s'en	la-	çam

O mesmo fenômeno pode ser aceito na escansão do verso 86 de *Ao genio do Brasil e do mundo*, poema de Inácio Maranhense: “*O mundo te applaude, e os dons te admira*”

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	
O	mun-	do	t'ap-	plau-	d'e	os	dons	t'a-	d[il]-	mi-	ra

Descartando a hipótese de hepêntese, dever-se-ia desconsiderar a sinalefa na décima sílaba do esquema acima, forçando mais a leitura do verso:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	
O	mun-	do	t'ap-	plau-	de	os	dons	te	ad-	mi-	ra

O verbo “admirar” não se inclui no vocabulário dos demais poemas atribuídos a Laurindo Rabello, o que impede um confronto preciso entre os dois autores. Em compensação, em Laurindo, todos os casos de consoantes em posição de travamento de sílaba não necessariamente constituem sílaba métrica ao contrário do verso 003 da “Invocação”:

1. Pentassílabo: “*Submissos, sem crime,*” (Rabello, 1963, p. 52), “*E os ceptros pesados*” (*Idem, ibidem*, p. 53), “*Espectro, descansa,*” (*Idem, ibidem*, p. 240), “*Espectro, piedade*” (*Idem, ibidem*, p. 240)

1	2	3	4	5	
<u>Sub-</u>	mis-	sos	sem	cri-	me
E os	cep-	tros	pe-	sa-	dos
Es-	pec-	tro	des-	can-	sa
Es-	pec-	tro	pie-	da-	de

2. Heptassílabo: “*Que, ao vê-la, absorto, fiquei;*” (*idem, ibidem*: 23), “*Libais o néctar das rosas*” (*Idem, ibidem*, p. 37), “*O cepticismo nos brada,*” (*Idem, ibidem*, p. 120), “*Real aspecto mostrando*” (*Idem, ibidem*, p. 145), “*O cepticismo nos brada,*” (*Idem, ibidem*, p. 207), “*Dum néctar sinto a doçura*” (*Idem, ibidem*, p. 254)

1	2	3	4	5	6	7	8
Qu'ao	vê-	l'ab-	sor-	to	fi-	quei	
Li-	bais	o	<u>néc-</u>	tar	das	ro-	sas
O	cep-	ti-	cis-	mo	nos	bra-	da
Re-	al	as-	pec-	to	mos-	tran-	do
O	cep-	ti-	cis-	mo	nos	bra-	da
Dum	<u>néc-</u>	tar	sin-	t'a	do-	çu-	ra

3. Eneassílabo: “*Té quebrar-se em ignoto parcel.*” (*Idem, ibidem*, p. 243)

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Té	que-	brar-	s'em	<u>ig-</u>	no-	to	par-	cel

4. Decassílabo heróico: “*Reposteiro de ferro mão ignota*” (*Idem, ibidem*, p. 26), “*Rompendo a cerração espectro em osso*” (*Idem, ibidem*, p. 26), “*E creu e resignou-se.// Esses fantasmas*” (*Idem, ibidem*, p. 61), “*Acesos em vulcões de fogo ignoto,*” (*Idem, ibidem*, p. 84), “*Um rico funeral d'aspecto nobre:*” (*Idem, ibidem*, p. 140), “*Intacta ficarás. Por entre a nuvem*” (*Idem, ibidem*: 207)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Re-	pos-	tei-	ro	de-	fer-	ro	mão	<u>ig-</u>	no-	ta
Rom-	pen-	d'a	cer-	ra-	ção	es-	pec-	tr'em	os-	so
E	creu	e	re-	<u>sig-</u>	nou-	s'es-	ses	fan-	tas-	mas
A-	ce-	sos	em	vul-	cões	de	fo-	<u>g'ig-</u>	no-	to
Um	ri-	co	fu-	ne	ral	d'as-	pec-	to	no-	bre

In-	taç-	ta	fi-	ca-	rás	por	en-	tr'a	nu-	vem
-----	------	----	-----	-----	------------	-----	-----	------	------------	-----

Se no atual estado da pesquisa a comprovação da autoria da “Invocação” ainda é insatisfatória, a dos cantos V e VI mostra-se melhor amparada. Em ambas as seções do poema, verificam-se padrões métrico e estrófico incomuns à técnica de versificação de Laurindo Rabello, mas que se repetem em outros poemas de Inácio Maranhense, a saber, o undecassílabo de esquema 11 (2, 5, 8, 11) e a quintilha de rima nnAnA.

Excetuando-se o *Septenario*, em nenhum dos 152 poemas restantes atribuídos a Laurindo Rabello se vê o undecassílabo. O metro mais extenso é o decassílabo. Em elegias, o poeta se valeu do decassílabo mormente heróico, dada sua tradição de metro mais adequado a assuntos graves:

1. *Epicéδιο à morte do Doutor José de Assis Alves Branco Moniz Barreto: “Morreu, enfim, morreu! Aquele Gênio,”*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Mor-	reu	en-	fim	mor-	reu	a-	que-	le-	Gê-	nio

2. *Sobre o túmulo do Marechal Pedro Labatut: “Eis as cenas do mundo! A mesma liça”*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Eis	as	ce-	nas	do	mun-	d'a	mes-	ma	li-	ça

3. *À morte de Junqueira Freire: “Do retiro claustral cisne sagrado”*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Do	re-	ti-	ro	claus-	tral	cis-	ne	sa-	gra-	do

Mesmo em *Último canto do cisne*, espécie de elegia a si mesmo, Laurindo Rabello, após longo intervalo de tempo em que se dedicou à composição de modinhas e lundus, cujos metros são curtos, voltou a usar o decassílabo: “*Quando eu morrer, não chorem minha morte,*”

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Quan-	d'eu	mor-	rer	não	cho-	rem	mi-	nha	mor-	te

Em Inácio Maranhense, todavia, o undecassílabo 11 (2, 5, 8, 11) aparece em 3 dos 5 poemas lhe atribuídos, à parte o *Septenario*:

1. *Ao genio do Brasil e do mundo: "O mundo te applaude, e os dons te admira,"*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	
O	mun-	do	t'ap-	plau-	de	os	dons	t'a-	dij-	mi-	ra

2. *Uma lagrima no sepulchro: "De luto vestidos os campos estão,"*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
De	lu-	to	ves-	ti-	dos	os	cam-	pos	es-	tão

3. *Votos da minh'alma: "Ventura! bradaram depois se quebrando;"*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	
Ven-	tu	r	bra	da	ra	de	poi	s	que	bra	d
-	-	a	-	-	m	-	s	e	-	n-	o

No canto VI, emprega-se um tipo raríssimo de quintilha, de estrutura rímica nnAnA. As ocorrências de quintilhas em Laurindo Rabelo são 4. Uma única em versos brancos – *A meu amigo e mestre Francisco Muniz Barreto*:

Que o digam essas brisas tão suaves
 Que ao viajor cansado, em nossos bosques,
 Refrigeram, deleitam, enfeitçam,
 Trazendo-lhe o aroma que desprendem
 As flores bafejadas por teu estro.

e 3 em nABBA – 1. *Estragos de amor*:

Miseráveis insensatos, (n)
 Escravos da formosura, (A)
 Curvados a seu aceno, (B)
 Buscais vida no veneno (B)
 Que vos leva à sepultura! (A)

2. Dos dous batizados:

O fogo santo que dá vida à vida,	(n)
Chama-se amor;	(A)
Botão de rosa, que o pudor defende,	(B)
Quando dous corpos este fogo <u>acende</u> ,	(B)
Desabrocha em <u>flor</u> .	(A)

3. Bando:

Eia, Baianos, raiair	(n)
Vai na terra do <u>Cruzeiro</u>	(A)
Esse dia tão <u>jucundo</u> ,	(B)
Que, apesar de ser <u>segundo</u> ,	(B)
Há de sempre ser <u>primeiro</u> !	(A)

Para que se calcule a raridade da quintilha nnAnA, basta que se vasculhem as obras dos poetas mais representativos do cânone brasileiro até o Romantismo. Encontrar-se-ão os tipos 1. ABBAB³, 2. ABAAB⁴, 3. nAnAn⁵, 4. ABABA⁶, 5. ABnAB⁷, 6. nABBA⁸, 7. AnBAB⁹, 8. nAnAA¹⁰, 9. nAABB¹¹, 10. AABbn¹², 11. ABABB¹³, 12. nAnnA¹⁴, 13. AAnBB¹⁵, 14. ABnBA¹⁶, 15. ABBnA¹⁷, 16. ABBAn¹⁸, 17. ABAnB¹⁹, 18. nnnAA²⁰, 19. AnnAn²¹, 20. versos brancos²² e, enfim, 21. nnAnA²³.

³ Em 20 poemas de Anchieta.

⁴ Em 7 poemas de Anchieta, 2 de Gregório de Mattos, 1 de Tomás Antônio Gonzaga, 1 de Álvares de Azevedo e 1 de Junqueira Freire.

⁵ Em 1 poema de Anchieta e 1 de Casimiro de Abreu.

⁶ Em 3 poemas de Anchieta, 3 de Gregório de Mattos, 1 de Gonçalves Dias e 3 de Castro Alves.

⁷ Em 1 poema de Anchieta e 1 de Junqueira Freire.

⁸ Em 2 poemas de Tomás Antônio Gonzaga, 4 de Gonçalves Dias, 3 de Laurindo Rabello, 3 de Castro Alves, 4 de Casimiro de Abreu e 6 de Fagundes Varela.

⁹ Em 1 poema de Gonçalves Dias.

¹⁰ Em 1 poema de Gonçalves Dias.

¹¹ Em 2 poemas de Cláudio Manoel da Costa e 1 de Gonçalves Dias.

¹² Em 2 poemas de Cláudio Manoel da Costa.

¹³ Em 1 poema de Gonçalves Dias.

¹⁴ Em 1 poema de Tomás Antônio Gonzaga, 1 de Castro Alves e 2 de Fagundes Varela.

¹⁵ Em 2 poemas de Castro Alves.

¹⁶ Em 1 poema de Gonçalves de Magalhães.

¹⁷ Em 1 poema de Gregório de Mattos.

¹⁸ Em 1 poema de Cláudio Manoel da Costa.

Além das *Liras I, V e II, IX*, de Tomás Antônio Gonzaga, os únicos poemas com quintilhas nnAnA identificados pela pesquisa foram o *Septenario* e *Votos da minh'alma* (Maranhense, 1853, p. 1), outro poema atribuído a Inácio Maranhense:

Raiou brilhante estrella no Cruzeiro	(n)
De galas revestida!	(n)
Motora da risonha f'licidade,	(A)
Que o povo do Janeiro ha merecido	(n)
Da summa Magestade!	(A)

A filologia brasileira conhece o caso do poema *A um enjeitado*, de Fagundes Varela, cujo tipo raro de sextilha (7+7+2+7+7+2) foi usado uma única vez pelo poeta. A obra poética de Laurindo Rabello, por seu turno, não se caracteriza pelo experimentalismo de versificação como a de Varela ou de outros poetas Românticos. Praticamente não há inovações nos sistemas estróficos, padrões de estrofe e metros dos poemas atribuídos a Laurindo, visto serem bastante encontrados. Aceitos o undecassílabo 11 (2, 5, 8, 11) e a quintilha nnAnA como marcas autorais de Inácio Maranhense nos cantos V e VI, restaria ainda investigar a autoria dos demais cantos, a se realizar nas próximas etapas da pesquisa. Do contrário, persistirá a hipótese de que, ao menos, o *Septenario* foi escrito a quatro mãos.

Com relação à versificação, os cantos I, II, IV e VII têm técnica semelhante à de poemas atribuídos a ambos os poetas. Porém, a estrofação do canto III (décimas-segundas de esquema rímico ABCBDEEFGHHF) é extremamente rara, a exemplo da quintilha nnAnA. A pesquisa encontrou até agora somente 1 poema de Gregório de Mattos e 4 de Gonçalves Dias com décimas-segundas, embora de esquemas rítmicos distintos. Ainda assim, se não há poemas atribuídos a Laurindo Rabello com décimas-segundas, o mesmo se aplica

¹⁹ Em 1 poema de Tomás Antônio Gonzaga.

²⁰ Em 1 poema de Cláudio Manoel da Costa.

²¹ Em 1 poema de Cláudio Manoel da Costa.

²² Em 1 poema de Cláudio Manoel da Costa, 2 de Gonçalves Dias, 1 de Laurindo Rabello e 2 de Fagundes Varela.

²³ Em 2 poemas de Tomás Antônio Gonzaga.

a Inácio Maranhense. Doravante é contar com a sorte de se descobrirem poemas de Maranhense ou vestígios de *usus scribendi* que contribuam para esse discernimento. Por enquanto, para fins de edição crítica da obra poética de Laurindo, considerar-se-á o *Septenario Poetico* um texto de autenticidade duvidosa.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. 8ª ed. São Paulo: Itatiaia, 1997. v. 2.

COUTINHO, Afrânio & SOUZA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Departamento Nacional do Livro, 2001. v. 2.

MARANHENSE, Ignacio José Ferreira. *Septenario Poetico*. Rio de Janeiro: Typ. de Silva Lima, 1849.

———. *Votos da minh'alma ao Exm. Snr. Commendador Dr. José Maria da Silva Paranhos*. Rio de Janeiro. Typ. Guanabarensense de L. A. F. de Menezes, 1853.

RABELLO, Laurindo José da Silva. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

———. *Obras completas (poesias, prosa e gramática)*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1946.

Requerimento encaminhado ao Ministério do Império solicitando admissão ao concurso de lente substituto de Primeiras Letras, 1849.

VARELA, L. N. Fagundes. *Poesias completas*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1957, v. 1.